

Gênero textual multimodal videorresenha

<https://doi.org/10.61248/palavras.vi64.215>

Letícia Jovelina Storto

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Fundação Araucária

leticiajstorto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7175-338X>

Rafaela Tavares Bassetto

Universidade Estadual do Norte do Paraná

rafaelatavaresbassetto@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7234-1627>

Resumo

Este artigo modeliza analiticamente a videorresenha como gênero textual multimodal, examinando sua dimensão sociointeracional, sua planificação composicional, seus mecanismos enunciativos e discursivos e sua multissemiose. Ancorado na tradição sociointeracionista dos estudos de gênero, especialmente nas contribuições de Luiz Antônio Marcuschi e da Escola de Genebra, representada por Dolz e Schneuwly, o estudo parte da compreensão dos gêneros como práticas sociodiscursivas materializadas em textos concretos e condicionadas por esferas de atividade e dispositivos técnicos de circulação. O corpus, constituído por videorresenhas produzidas na área de Letras, é analisado a partir de matriz categorial que articula três níveis: composicional, enunciativo e sociotécnico. A investigação demonstra que a esse gênero não se configura como mera transposição modal da resenha escrita, mas como reconfiguração genérica que redistribui a avaliação ao longo do texto, intensifica a presença do enunciador por meio de recursos performáticos e integra estratégias de engajamento condicionadas pelas lógicas algorítmicas das plataformas. Os resultados evidenciam a necessidade de refinamento das categorias analíticas aplicadas a gêneros multimodais e apontam para a ampliação dos estudos de modelização no âmbito digital.

Palavras-chave: videorresenha; resenha; gêneros textuais; multimodalidade

1. Considerações iniciais

A expansão das práticas comunicativas em ambientes digitais tem intensificado a circulação de gêneros que articulam oralidade, imagem e recursos sonoros, desafiando modelos tradicionais de descrição e ensino. Nesse contexto, a videorresenha¹ consolida-se como forma recorrente de avaliação e divulgação de obras, em especial no âmbito acadêmico, reconfigurando a resenha escrita ao incorporar dimensões performáticas e estratégias de engajamento próprias das plataformas digitais. À luz da concepção de gêneros como práticas sociodiscursivas historicamente situadas, conforme discutido por Luiz Antônio Marcuschi, tais produções demandam análise que considere a organização textual, as condições de produção e circulação que as constituem.

Embora haja tradição consolidada de estudos sobre a resenha escrita e avanços na didatização de gêneros a partir das contribuições da Escola de Genebra, associada a Dolz e Schneuwly, ainda são incipientes as investigações que descrevem, de modo sistemático, a videorresenha como gênero textual multimodal² que se organiza predominantemente a partir da oralidade, mas cuja materialidade excede a noção tradicional de gênero oral.

Observa-se a ausência de modelização que integre, de forma articulada, a dimensão composicional, os mecanismos enunciativos e os condicionamentos socio-técnicos que incidem sobre sua configuração. Além disso, a literatura tende a privilegiar aspectos multimodais de maneira descritiva, sem propor categorias analíticas refinadas que permitam compreender a reconfiguração genérica implicada na passagem do suporte escrito ao audiovisual digital.

Diante da emergência da videorresenha no ecossistema digital e das lacunas ainda existentes em sua descrição sistemática, é importante indicar os fundamentos teóricos que sustentam a presente investigação. A delimitação conceitual do gênero, bem como a compreensão de seu funcionamento discursivo e sociotécnico, exigem ancoragem em referenciais consolidados dos estudos de gêneros e da multimodalidade. Assim, na seção seguinte, apresentam-se os pressupostos teóricos que orientam a análise, situando a videorresenha no interior da tradição sociointeracionista.

2. Base teórica da análise

Os gêneros textuais emergem de necessidades comunicativas socialmente situadas e constituem instrumentos privilegiados de ação e interação nas diferentes

¹ No Brasil, encontram-se diferentes formas de grafar o nome do referido gênero, tais como: *videorresenha*, *videoresenha*, *resenha em vídeo*. Nesta pesquisa, optou-se por utilizar a nomenclatura *videorresenha*.

² Nesta pesquisa, considera-se que os gêneros orais e escritos são por natureza multimodais, pois, “quando falamos ou escrevemos um texto, usamos, no mínimo, dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações, etc. Em todas as situações comunicativas, usamos os nossos sistemas de conhecimentos para orquestrar, da forma mais harmônica possível, todos os recursos verbais (escritos ou orais) e os recursos visuais (estáticos ou dinâmicos) existentes nas interações comunicativas em que estamos inseridos. Assim, referimo-nos à multimodalidade discursiva como um traço constitutivo a todos os gêneros textuais escritos e orais” (Dionísio, 2007, p.176).

esferas da atividade humana. Nessa perspectiva, seu ensino assume papel central no desenvolvimento das capacidades de linguagem, uma vez que possibilita aos sujeitos participar de práticas discursivas diversas, tanto em contextos acadêmicos e profissionais quanto em situações cotidianas de interação social. Conforme propõem Dolz e Schneuwly (2004, p. 51), os gêneros configuram-se como instrumentos de ação em contextos comunicativos específicos, sendo constitutivos das próprias situações de uso. Ao afirmarem que “sem romance, por exemplo, não há leitura e escrita de romance”, os autores afirmam que as práticas discursivas se materializam necessariamente por meio de gêneros historicamente estabilizados.

Sob esse enquadramento, a produção e a compreensão da videorresenha pressupõem o domínio de regularidades relativamente estáveis que a caracterizam enquanto gênero. Tais regularidades, contudo, não se reduzem àquelas da resenha escrita, pois envolvem modos de organização discursiva e de mobilização de recursos expressivos vinculados à oralidade e à multimodalidade. Parafraseando a formulação dos autores, pode-se afirmar que, sem a videorresenha enquanto forma socialmente reconhecida, não há compreensão nem produção desse gênero textual, o que reforça seu estatuto de prática discursiva específica.

Nessa mesma direção teórica, Dolz e Schneuwly (2004) destacam três dimensões fundamentais para a caracterização dos gêneros e para sua abordagem no ensino: (i) os conteúdos que se tornam dizíveis por meio do gênero; (ii) a estrutura comunicativa dos textos que o constituem; e (iii) as configurações específicas das unidades de linguagem, especialmente aquelas relacionadas à posição enunciativa do produtor e à organização das sequências discursivas. Essas dimensões oferecem um quadro analítico para a descrição de gêneros emergentes em ambientes digitais, como é o caso da videorresenha.

A compreensão do gênero também se ancora na perspectiva dialógica proposta por Bakhtin (2019), para quem todo enunciado se constitui em campos de atividade relativamente estáveis, orientando-se por condições específicas de produção, por intenções discursivas e por expectativas de interlocução. Desse ponto de vista, a construção composicional dos enunciados articula estilos de fala e de escrita que apresentam certo grau de regularidade histórica, ainda que permaneçam abertos à variação. Assim, quando um booktuber produz uma videorresenha para publicação em seu canal no YouTube, mobiliza conhecimentos sobre a obra resenhada, saberes relativos às expectativas do público, às convenções da plataforma e às formas de aproximação com o interlocutor.

No âmbito deste estudo, adota-se a noção de modelização teórica do gênero conforme proposta por Barros e Gonçalves (2023), entendida como etapa inicial da modelização didática. Tal etapa volta-se prioritariamente à compreensão do funcionamento social do gênero e de seu enquadramento teórico, buscando descrevê-lo a partir de textos que efetivamente circulam em sua esfera de produção. Nessa perspectiva, a modelização teórica constitui ferramenta analítica que permite aprofundar a compreensão do gênero enquanto objeto simultaneamente discursivo e social, sem que o foco recaia, em um primeiro momento, sobre sua transposição para práticas de ensino.

Para operacionalizar a análise, este trabalho também se apoia na proposta de exame de gêneros orais apresentada por Bueno et al. (2024), cuja matriz analítica se fundamenta nas contribuições de Marcuschi e de Dolz & Schneuwly. As autoras

organizam a análise em quatro níveis complementares: (a) situação de comunicação, que abrange contexto, interlocutores, finalidade e esfera de circulação; (b) planificação ou organização interna, relativa à infraestrutura textual e às sequências discursivas; (c) textualização, que contempla mecanismos enunciativos e discursivos (como marcadores conversacionais, coesão, vozes, modalizações etc.); e (d) aspectos multissemióticos, referentes a recursos não linguísticos, tais como gestos, entoação, expressões faciais, postura e uso de materiais de apoio.

A pertinência desse modelo para o estudo da videorresenha reside no fato de que ele permite articular níveis tradicionalmente analisados de forma dissociada. Ao integrar dimensões sociointeracionais, composicionais, linguístico-discursivas e performático-visuais, a matriz possibilita apreender o gênero em sua materialidade complexa, evitando reducionismos centrados exclusivamente no verbal. Além disso, tal enquadramento favorece a identificação de regularidades emergentes sem obscurecer a variabilidade própria dos gêneros em processo de consolidação no ecossistema digital.

Para operacionalizar analiticamente esses pressupostos, torna-se necessário explicitar o percurso analítico que possibilita apreender empiricamente tais dimensões. Assim, a seção seguinte detalha os procedimentos metodológicos adotados neste estudo.

3. Procedimentos metodológicos

Para viabilizar a modelização teórica da videorresenha, realizou-se, neste artigo, uma pesquisa documental de cunho exploratório (Gil, 2002), de abordagem qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008), fundamentada nos Estudos da Língua Falada em Interação, conforme Marcuschi (2010). A modelização do gênero ancora-se também nas contribuições de Barros e Gonçalves (2023), em particular no que se refere à compreensão do gênero como objeto teórico e social, bem como nos estudos de Bueno et al. (2024), que oferecem um quadro analítico específico para a análise de gêneros orais.

A princípio, realizou-se levantamento bibliográfico em bases acadêmicas (Portal de Periódicos CAPES, Google Scholar e repositórios institucionais), utilizando-se os descritores “videorresenha”, “vídeo-resenha” e “resenha em vídeo”, com vistas a: mapear o estado da arte; identificar definições recorrentes; localizar lacunas investigativas.

Paralelamente, procedeu-se a mapeamento exploratório de ocorrências do gênero na plataforma YouTube, selecionada por constituir ambiente privilegiado de circulação de videorresenhas no contexto brasileiro contemporâneo.

A constituição do corpus obedeceu a critérios sistematizados, a fim de garantir transparência e replicabilidade: delimitação temática (produções vinculadas à área de Linguística); configuração genérica reconhecível (presença de apresentação da obra, síntese descritiva e avaliação explícita); presença performática do enunciadador em cena, permitindo análise multissemiótica; duração entre 7 e 20 minutos, assegurando desenvolvimento composicional suficiente; publicação entre 2020 e 2024, para garantir atualidade; disponibilidade pública irrestrita.

O corpus final compõe-se de três exemplares pertencentes a canais distintos: 1) Parábola Editorial (2020, 14min24seg);³ 2) Literologia (2023, 7min59seg);⁴ 3) Professor Wesley Barbosa (2022, 17min12seg).⁵

A opção por número reduzido fundamenta-se na lógica da saturação analítica qualitativa: buscou-se aprofundamento interpretativo em vez de amplitude quantitativa. A análise foi operacionalizada a partir de quatro macro-níveis, desdobrados em categorias específicas, conforme Bueno et al. (2024): situação de comunicação; planificação composicional; mecanismos enunciativos e discursivos; e dimensão multissemiótica.

Definido o desenho metodológico e delimitado o corpus de investigação, passa-se ao exame dos dados propriamente ditos. A análise que se desenvolve a seguir busca colocar em funcionamento o aparato teórico-metodológico delineado, observando como a videorresenha se materializa em produções concretas.

4. Análise e discussão dos dados

Nesta seção, apresenta-se inicialmente uma discussão teórica sobre a resenha e a videorresenha, fundamentada na voz de especialistas, e em seguida são analisam alguns exemplares de videorresenhas.

4.1. A resenha

A resenha constitui-se como gênero textual de mediação crítica, cuja função central não se limita à síntese informativa de uma obra, mas envolve a produção de um posicionamento avaliativo situado em determinada comunidade interpretativa (Machado et al., 2004). À luz da perspectiva dialógica dos gêneros, tal como formulada por Bakhtin (2019), a resenha pode ser compreendida como enunciado responsivo que se orienta simultaneamente ao texto-fonte e ao horizonte de expectativas de seus leitores, inscrevendo-se em cadeia de discursos que regulam a circulação e a legitimação de saberes.

Embora a resenha escrita não envolva copresença física entre enunciador e leitor, isso não significa ausência de interação. A interação se estabelece discursivamente, por meio da construção de um leitor implícito e da inserção do texto em uma comunidade interpretativa específica.

No âmbito acadêmico, esse gênero adquire certo grau de institucionalização. Conforme discutem Dolz e Schneuwly (2004), os gêneros estabilizam-se como instrumentos de ação social, articulando conteúdos dizíveis, organização composicional e posições enunciativas relativamente previsíveis. A resenha acadêmica, nesse sentido, opera como dispositivo de avaliação regulada: sua crítica não é arbitrária, mas ancorada em critérios implícitos de legitimidade científica e em expectativas de formalização discursiva compartilhadas na esfera universitária.

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gUYTG5FvJfY>

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=b5sl2KJ1xNo>

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=e8RTJemQdWk>

Sob a perspectiva composicional, a resenha apresenta configuração relativamente estabilizada, na qual a contextualização da obra (com indicação de tema e objetivos) funciona como enquadramento interpretativo inicial. A exposição de informações e exemplos não opera apenas como síntese, mas como construção de base argumentativa que sustenta o julgamento subsequente. A descrição da organização interna do texto resenhado integra esse movimento de legitimação, ao salientar domínio global do objeto analisado. A apreciação crítica emerge articulada a essa síntese interpretativa, podendo contemplar avaliações positivas ou negativas, e culmina na reafirmação do posicionamento do resenhista, que consolida sua responsabilidade enunciativa diante da obra (Machado et al., 2004).

Diferentemente de um resumo, a resenha mobiliza a articulação entre descrição e julgamento como forma de produzir reconhecimento ou contestação simbólica da obra analisada (Machado et al., 2004). Tal articulação é mediada por estratégias de modalização (Machado et al., 2004). Em vez de afirmações diretamente personalizadas, prevalece a construção de um ethos avaliativo sustentado por escolhas lexicais, referenciação técnica e organização argumentativa. Como apontam Machado et al. (2004), a voz do resenhista deve manter distinção clara em relação à voz do autor resenhado.

A dimensão avaliativa da resenha não é neutra. Estudos como o de Motta-Roth (2001) demonstram que o gênero participa de rede institucional que envolve autores, editoras e leitores especializados, funcionando como mecanismo de legitimação no interior do campo acadêmico, podendo influenciar o público na decisão de comprar ou não determinada obra. Nesse contexto, a avaliação frequentemente assume polaridade mais positiva, conforme observado por Barros e Nascimento (2008), não apenas por escolha estilística, mas por inserção em circuito discursivo no qual a crítica negativa tende a ser atenuada ou estrategicamente modulada.

O objeto da resenha não se restringe a determinado suporte ou área temática, podendo incidir sobre produções diversas, como livros, artigos, filmes ou outros artefatos culturais, desde que configuradas como textos passíveis de apreciação crítica. Tal amplitude mostra que o gênero se define menos pelo tipo de material analisado e mais por sua função avaliativa e mediadora. Ademais, conforme observam Machado et al. (2004), a resenha pode circular sob denominações variadas, ou mesmo sem rotulação explícita, o que indica que seu reconhecimento decorre sobretudo de sua organização discursiva e de sua finalidade pragmática, e não somente de sua designação formal.

Desse modo, a resenha escrita configura-se como prática discursiva marcada por estabilidade composicional, formalização argumentativa e inserção institucional definida. Sua relativa padronização não implica rigidez absoluta, mas ressalta convenções historicamente sedimentadas que regulam a intensidade da crítica, a distribuição da avaliação e a construção do ethos do avaliador.

A descrição da resenha escrita traz um conjunto de regularidades composicionais e enunciativas que historicamente estabilizam esse gênero no campo acadêmico. No entanto, quando a prática avaliativa migra para ambientes digitais audiovisuais, tais regularidades passam a ser tensionadas por novas formas de materialidade e de interação. A subseção seguinte dedica-se, portanto, a examinar as especificidades desse gênero multimodal.

4.2. A videorresenha

A videorresenha configura-se como um gênero multimodal, que pode ser definido, à luz da perspectiva sociointeracionista, como uma forma de ação social que se materializa em textos multimodais fixados por meio de gravação e edição. Trata-se de um gênero textual porque se materializa em um texto concreto, dotado de organização composicional, finalidade comunicativa e regularidades recorrentes (Marcuschi, 2008); é multimodal por articular simultaneamente texto verbal escrito e oral, imagem e som como recursos constitutivos da significação (Dionísio, 2007). Ademais, é um gênero gravado e editado, porque sua enunciação não ocorre em co-presença imediata entre interlocutores, mas é produzida, registrada e posteriormente disponibilizada para recepção assíncrona.

Nessa configuração, o processo enunciativo caracteriza-se por planejamento prévio, possibilidade de edição e construção performática do ethos, elementos que o distinguem tanto dos gêneros escritos tradicionais quanto dos gêneros orais presenciais. A gravação introduz mediações técnicas que condicionam ritmo, duração, enquadramento e estratégias de engajamento, integrando à organização textual dimensões próprias da circulação digital.

Segundo Silva (2019, p. 24), trata-se de um gênero que mobiliza propósitos comunicativos próprios, o que exige sua distinção em relação à resenha escrita. É comumente veiculada em plataformas on-line, como o YouTube, ou redes sociais, como Instagram, que possibilitam a publicação de vídeos e oferecem recursos interativos, a exemplo de comentários e enquetes, favorecendo o diálogo direto com os interlocutores. Nesses ambientes, os vídeos podem alcançar elevado engajamento e, conforme observam Araújo et al. (2021, p. 860), chegar a ser “patrocinados por editoras para produzirem suas avaliações críticas”.

A videorresenha tende a alcançar o público de forma mais imediata e dinâmica. Araújo et al. (2021, p. 857) apontam que essa “modalidade oral, nesse ambiente de interação, é eivada de sentidos figurados e gírias, distanciando-se de um registro linguístico rebuscado e/ou formal, comum em resenhas acadêmicas”. Ainda assim, é importante ressaltar que, em produções voltadas ao universo acadêmico, como aquelas que compõem o corpus deste estudo, é possível identificar o uso de um registro mais formal, o que atesta a adaptabilidade do gênero às diferentes esferas de circulação.

Para Araújo et al. (2021, p. 857), a linguagem menos formal das videorresenhas favorece a aproximação entre o locutor e seus interlocutores. Diferentemente das resenhas escritas, nesse gênero, é mais frequente o uso de repetições lexicais e de expressões como “na minha opinião” ou “eu acho que”, marcadores conversacionais que indicam a posição enunciativa do falante (Urbano, 1999). Soma-se a isso o fato de que, ao se apresentarem, os booktubers tendem a instaurar uma dinâmica conversacional, recorrendo a elementos fáticos característicos do diálogo, conforme apontam Araújo et al. (2021, p. 858).

Dessa forma, o produtor da videorresenha mobiliza recursos orais e multimodais para comunicar-se de maneira eficaz com seu interlocutor. Esses recursos envolvem a modulação da voz, a entonação e o ritmo da fala, bem como o uso de movimentos corporais, gestos e expressões faciais, além da escolha da vestimenta e do posicionamento diante da câmera. Elementos visuais, como o cenário do vídeo e sua

composição estética, também desempenham papel relevante na construção de sentidos e na recepção da mensagem pelo público.

A discussão realizada até aqui permitiu delimitar a videorresenha como gênero multimodal marcado por especificidades enunciativas e performáticas. Para além da caracterização teórica, contudo, torna-se fundamental observar como tais traços se materializam em produções concretas. Assim, na subseção seguinte, realiza-se a análise de exemplares do gênero, buscando identificar regularidades, variações e tensões que emergem de sua realização empírica.

4.3. Análise de exemplares

Na análise das videorresenhas, à luz da situação de comunicação, notam-se posições distintas: produtora vinculada à editora (exemplar 1), influenciador cultural-digital (exemplar 2) e professor-resenhista (exemplar 3). Essa variação incide na construção do ethos: no primeiro caso, observa-se legitimação institucional e autorral, especialmente quando a enunciatadora apresenta obra de sua própria organização, deslocando parcialmente o gesto avaliativo para a autopromoção; no segundo, predomina a autoridade acadêmica ancorada na didatização e na explicitação conceitual; no terceiro, o ethos combina proximidade discursiva e recomendação enfática, articulando especialização e engajamento.

Assim, no plano da situação de comunicação, a videorresenha configura-se como gênero híbrido, cuja identidade resulta da articulação entre autoridade discursiva, didatização do saber e adequação estratégica às lógicas de circulação digital, sobretudo quando há menção a links de compra e incentivo ao apoio ao canal, como no excerto a seguir.

Excerto extraído do exemplar 3:

então se você não quer perder conteúdos como este... já fica a dica para que você se inscreva no canal e ative o sininho das notificações... assim você vai ser informado de todos os vídeos que eu publicar aqui... além disso... como uma forma de apoiar o meu trabalho... deixe o seu like... curta o vídeo... para que eu saiba que este tipo de conteúdo está sendo relevante para você...

Nas videorresenhas analisadas, a configuração interacional é marcadamente assimétrica no momento da enunciação, pois a fala é monopolizada pelo videorresenhista, mas isso não implica ausência de interação. No ambiente digital, a interação ocorre de forma diferida, por meio de comentários, respostas posteriores e métricas de engajamento (em fevereiro de 2026, a primeira videorresenha analisada apresentava mais de 1.400 curtidas, e o canal contava com mais de 36 mil inscritos). Trata-se de uma interação projetada e mediada pela plataforma, na qual o produtor antecipa possíveis interlocuções e constrói estratégias de aproximação discursiva. Além do mais, projeta-se uma interação diferida, convocando comentários, inscrições e compartilhamentos, o que evidencia o caráter dialógico mediado pela plataforma. Nesse aspecto, observam-se contrastes significativos entre as produções.

No segundo e no terceiro exemplar, são explícitos os convites à inscrição no canal, às curtidas, aos comentários e ao compartilhamento. Tais movimentos não se

limitam a um gesto protocolar: integram a arquitetura do vídeo e revelam alinhamento com a lógica do YouTube, em que a manutenção da audiência e o fortalecimento do canal constituem objetivos estratégicos. A solicitação de engajamento aparece articulada ao encerramento da avaliação, como se a recomendação da obra e a recomendação do canal operassem de modo complementar, como se nota nos excertos que seguem.

Excerto extraído do exemplar 2:

peço que você ajude o canal para que possamos chegar a mais pessoas... inclusive estudantes de letras e professores de português... foi um prazer e até a próxima...

No que concerne à esfera de circulação e à inserção digital, as videorresenhas analisadas confirmam que o gênero se situa na intersecção entre as esferas cultural-digital, editorial e acadêmica. A plataforma YouTube opera como dispositivo técnico que condiciona tanto a organização discursiva quanto as estratégias de visibilidade. Nos vídeos analisados, as chamadas à inscrição, ao “like” e à ativação de notificações constituem marcas explícitas de alinhamento à lógica algorítmica. Isso desvela que o gênero não circula somente no ambiente digital, porém é moldado por suas dinâmicas de monetização e engajamento.

Além disso, a recomendação de aquisição da obra por meio de links específicos (“deixarei o link para que você possa adquirir...” – exemplar 3) aponta para a articulação entre avaliação crítica e economia da atenção, tensionando os limites entre mediação acadêmica e promoção editorial. Desse modo, a videorresenha, enquanto prática sociodiscursiva multimodal, revela-se atravessada por condicionantes sociotécnicos: o ethos constrói-se pela argumentação verbal, pela performance, pelo cenário e pelos dispositivos de edição; a finalidade avaliativa é modulada por expectativas de audiência; e a interação, embora diferida, é estruturante da própria materialidade do gênero.

No que se refere à planificação discursiva, os três exemplares analisados revelam modos distintos de estruturar a exposição da obra, revelando variações relevantes na configuração do gênero, que vão de uma progressão linear próxima à aula acadêmica (exemplar 1), passando por uma segmentação didática estruturada (exemplar 2), até uma organização mais espontânea e condensada (exemplar 3). Essas diferenças revelam também aproximações distintas com o modelo acadêmico, mais evidente nos dois primeiros casos, e indicam variações na segmentação temática, aspecto que contribui para compreender a flexibilidade estrutural da videorresenha enquanto gênero digital. Isso pode ser notado no excerto a seguir.

Excerto extraído do exemplar 3:

olá... sejam todos bem-vindos... eu sou o professor Wesley Barbosa... e no vídeo de hoje eu vou falar sobre este livro aqui... “Textualidade: Noções Básicas e Implicações Pedagógicas”, de Irandé Antunes... se você quer um livro que traga noções essenciais dentro da linguística textual... como a própria noção de texto... diferença entre texto e frase... ah:: os fatores de textualidade... e ao mesmo tempo... ah:: que uma tudo isso com uma abordagem de sala de aula... com dicas para uma boa didática relativa a esses conteúdos... esta obra aqui é fundamental...

Esse movimento inicial da videorresenha já sinaliza um deslocamento em relação à resenha escrita tradicional: a avaliação da obra passa a coexistir com práticas de engajamento próprias da cultura de plataforma, de modo que a hibridização entre função avaliativa e lógica de visibilidade algorítmica, e há maior busca de proximidade com o interlocutor (“olá... sejam todos bem-vindos...”).

A análise do exemplar 2 e 3 sinaliza que a videorresenha se organiza por meio de uma sequência relativamente estável (problematização inicial, apresentação da obra, explicação conceitual, avaliação e fechamento interacional), mas tensiona o modelo da resenha escrita ao incorporar movimentos típicos da cultura de plataforma, como a didatização intensificada do conteúdo e as chamadas explícitas ao engajamento. Já no primeiro exemplar, o vínculo editorial é mais evidente. A presença de vinhetas institucionais e a menção à editora deslocam parcialmente o foco do engajamento individual para a promoção da obra no interior de um circuito editorial. Nesse caso, a visibilidade não se concentra na consolidação de um canal pessoal, mas na divulgação institucional do livro. Ainda assim, a estrutura audiovisual (abertura, encerramento, enquadramento estável) revela adequação às convenções da plataforma.

A presença ou ausência de vinhetas, bem como o grau de edição e segmentação, desvelam diferentes níveis de profissionalização e adaptação à lógica digital. Assim, a configuração do gênero é atravessada por condicionantes técnicos e econômicos: a necessidade de retenção da audiência, a padronização de formatos, a valorização da identidade visual do canal. Ainda, a lógica da plataforma pode favorecer avaliações predominantemente positivas, conteúdos didatizados e tom acessível, uma vez que tais características tendem a ampliar o alcance e a aceitação.

Em relação ao funcionamento enunciativo e discursivo, a análise dos exemplares expressa um dado recorrente: a predominância de avaliações positivas. Mesmo que essa regularidade possa parecer natural em vídeos que se propõem a apresentar obras ao público, ela demanda problematização, pois incide sobre o estatuto crítico do gênero. Nas videorresenhas analisadas, a recorrência de marcadores conversacionais como “ah” e “então”, “né”, “olha”, “gente” e alongamentos vocálicos (“ah::”) corrobora a inscrição da videorresenha na matriz da oralidade planejada, mas performatizada como fala espontânea. Tais elementos, bastante frequentes no exemplar 3, operam como dispositivos de organização interacional e de gestão da progressão temática. O marcador “então”, por exemplo, cumpre função sequenciadora, sinalizando retomadas, transições entre tópicos e encaminhamento argumentativo (“então bora lá...”, “então... no capítulo dois...”); já “ah” e seus alongamentos funcionam como marcas de hesitação estratégica, revelando processamento online do discurso e produzindo efeito de autenticidade.

Esses traços reforçam a construção de um ethos de proximidade, pois simulam copresença e reduzem a distância entre enunciador e interlocutor, ainda que a interação seja diferida. Diferentemente da resenha escrita, em que tais marcas tendem a ser suprimidas, na videorresenha elas contribuem para a encenação de uma conversa pedagógica, aproximando o gênero de práticas expositivo-didáticas típicas da cultura de plataforma.

Paralelamente, observa-se intenso processo de modalização, que incide sobre o estatuto epistêmico e axiológico das avaliações. Expressões como “eu acho”, “é claro que”, “é interessante que” e “merece muita atenção” evidenciam a presença

explícita do enunciador e marcam graus variados de comprometimento com o dito. A modalização epistêmica manifesta-se quando o produtor atenua ou justifica posicionamentos (“eu entendo sim o ponto de vista...”), enquanto a modalização avaliativa intensifica o juízo positivo, frequentemente por meio de adjetivações categóricas (“excelente”, “fundamental”, “clássico”). Esse movimento reforça a responsabilidade enunciativa e consolida um ethos de especialista que assume publicamente sua apreciação crítica, ainda que predominantemente favorável. Assim, marcadores conversacionais e modalizações articulam-se na produção de um discurso simultaneamente didático e avaliativo: os primeiros constroem proximidade e fluidez interacional; as segundas regulam o grau de adesão e autoridade do enunciador, configurando uma crítica que se apresenta pessoalizada, mas legitimada por referências conceituais e pelo posicionamento institucional do produtor.

A progressão temática, nas videorresenhas, é explicitamente sinalizada por marcadores metadiscursivos como “primeiro capítulo”, “no capítulo dois”, “por último” e “nesse ponto”, que operam como organizadores macroestruturais do discurso e enfatizam o controle da planificação textual, como se verifica no trecho a seguir.

Excerto extraído do exemplar 2:

e aí... no capítulo 2... vai trazer já os conceitos de coesão textual... a coesão no texto... então vai falar sobre o que é a coesão... que funções tem a coesão no texto... no capítulo três... é a parte mais prática... como se faz coesão... relações textuais responsáveis pela coesão... gente... no capítulo quatro... vai

Os locutores estruturam sua exposição segundo a ordem interna dos livros, produzindo uma progressão temática linear e cumulativa, ancorada na lógica do sumário. Tais marcadores funcionam como guias cognitivos para o interlocutor, reduzindo a dispersão potencial da oralidade e garantindo coesão sequencial. Observa-se, portanto, que a tematização avança por encadeamento hierarquizado (da apresentação geral aos desdobramentos dos capítulos), revelando uma progressão temática constante e linear, com retomadas anafóricas do objeto “livro” (como se observa no excerto a seguir) e focalizações sucessivas de seus segmentos internos, o que reforça a dimensão didatizante e organizadora da videorresenha.

Excerto extraído do exemplar 1:

*então é um **livro** para o leitor de Letras... mas não o leitor teórico... pesquisador e tal... o leitor professor principalmente ou leitor estudante de letras... esse é o endereçamento de leitor que esse **livro** tem... ele vai partir do conceito de gêneros para chegar no final do **livro** ao valor do gênero discursivo nos multiletramentos requeridos na hipermodernidade...*

Convém destacar que o primeiro exemplar, no nível da situação de comunicação, apresenta uma configuração singular: a enunciatrice é também autora da obra resenhada, como se confirma no excerto a seguir: “Eu organizei esse livro numa época... ele já é de algum tempo... deixa eu ver de quando ele é... 2015... então já tem

uns cinco aninhos aí...” (exemplar 1). Essa condição altera o estatuto avaliativo do gênero, uma vez que desloca a videorresenha de um espaço de mediação crítica para um espaço de autoapresentação e legitimação autoral.

Esse trecho da videorresenha revela outra distinção com a resenha escrita: em geral, este tipo de resenha trata de obras publicadas recentemente. Já as videorresenhas analisadas divulgam obras menos recentes. O segundo exemplar, por exemplo, tece considerações de uma obra de 2005.

No terceiro exemplar, observa-se maior explicitação argumentativa. O produtor além de qualificar a obra como relevante, justifica tal posicionamento por meio da retomada de conceitos, da leitura de trechos e da explicação de sua contribuição para a formação acadêmica. A positividade, nesse caso, é sustentada por argumentos, mas não tensionada por contrapontos.

Outro traço recorrente das videorresenhas analisadas é a orientação didatizante do discurso, que se manifesta por meio de explicações conceituais progressivas, retomadas metadiscursivas e exemplificações. No exemplar 3, por exemplo, o enunciador não se limita a avaliar a obra, mas assume explicitamente a função de mediador do conhecimento linguístico. No excerto que segue, ele explica que entende por textualidade.

Excerto extraído do exemplar 3:

temos também a informatividade... a informatividade diz que um texto sempre deve ter algo de novo... ele deve trazer em si uma novidade... um texto não pode ser sempre a repetição da mesma coisa... caso contrário... o leitor ou ouvinte perde o interesse diante daquilo... ele não se torna relevante... essa é a grande questão...

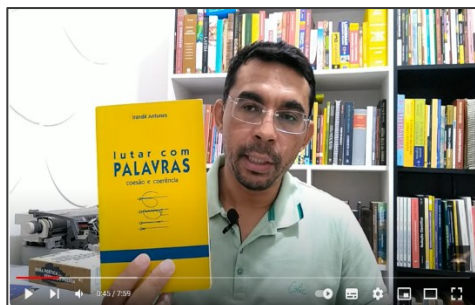
Aqui se observa que a videorresenha tende a expandir o gesto resenhístico clássico, incorporando uma dimensão de aula ou miniexposição. Tal movimento reforça a natureza híbrida do gênero e sugere sua vinculação a práticas de divulgação didático-científica no YouTube. Por conseguinte, a videorresenha tende a deslocar o foco da crítica avaliativa para a mediação pedagógica, aproximando-se do formato de microaula. Além disso, nesse exemplar, a recomendação é mais enfática e sintética. A obra é apresentada como indispensável e fundamental, com menor investimento em desenvolvimento argumentativo detalhado. A avaliação positiva aparece como afirmação direta, reforçada pelo tom de recomendação ao público-alvo, o que intensifica seu caráter prescritivo. A recorrência da avaliação positiva pode relacionar-se às dinâmicas editoriais e de circulação digital.

Já a dimensão multissemiótica revela diferenças significativas entre os exemplares e desempenha papel central na construção da autoridade discursiva. Os três vídeos mobilizam recursos visuais e sonoros de maneira distinta, o que afeta a imagem de si projetada pelo produtor.

Nos segundo e terceiro exemplares, o cenário composto por estantes repletas de livros funciona como marcador simbólico de pertencimento ao universo acadêmico. A organização visual do espaço, livros ao fundo, enquadramento estável, postura frontal (Figura 1 e 2) contribui para a construção de um ethos de especialista, ancorado em signos culturalmente associados ao saber letrado.

Figura 1

Cenário e apresentação do livro

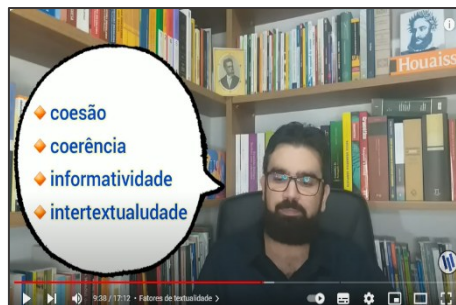


Fonte:

Canal Literologia (2023, s/p)

Figura 2

Cenário e balões de caráter explicativo



Fonte:

Canal Professor Wesley Barbosa (2022, s/p)

O uso de zoom e de recursos de edição, mais evidente no terceiro exemplar, amplia a visualização do livro e reforça a centralidade do objeto resenhado. Já no segundo, a inserção de slides, legendas corretivas, balões explicativos (Figura 2) e vinheta de transição denota maior investimento técnico e segmentação formal, aproximando o vídeo de formatos didáticos institucionalizados. O primeiro exemplar, por sua vez, apresenta vinhetas iniciais e finais associadas à editora, o que desloca parcialmente a autoridade para o campo institucional.

Essas escolhas não são neutras. A multimodalidade complementa o discurso verbal e participa ativamente da construção da legitimidade do produtor. Ao mobilizar cenários associados à cultura acadêmica, elementos gráficos organizadores e marcas de edição, os vídeos reforçam a imagem de competência e domínio do conteúdo. Ao mesmo tempo, o olhar direcionado à câmera, a gestualidade e a fala coloquial produzem efeito de proximidade, simulando diálogo direto com o interlocutor.

A multimodalidade, portanto, cumpre dupla função: consolidar autoridade e produzir familiaridade. A estante de livros constrói ethos acadêmico (Figura 1 e 2); o enquadramento frontal (nos três exemplares analisados) e o tom conversacional constroem proximidade (também nos três exemplares analisados); as vinhetas e slides sinalizam profissionalização e pertencimento à lógica da plataforma. A autoridade, portanto, não emerge apenas da argumentação, mas da articulação estratégica entre linguagem verbal, espaço, corpo e edição. A videorresenha constrói um ethos híbrido, simultaneamente acadêmico e acessível, que se ajusta às exigências comunicativas do ambiente digital.

A comparação entre os exemplares evidencia regularidades e variações relevantes. Entre as regularidades predominantes, destacam-se: abertura com saudação e aproximação do interlocutor; exibição física do livro como estratégia de focalização do objeto resenhado; combinação de descrição e avaliação positiva; solicitação de interação (curtidas, comentários, inscrição no canal); presença de marcas típicas da oralidade e uso expressivo do corpo e da voz. A análise do corpus sugere a existência de um padrão reconhecível da videorresenha enquanto prática discursiva situada no ambiente digital.

Apesar das regularidades, há tensões estruturais e divergências que impedem uma caracterização simplificadora do gênero. As diferenças observadas dizem respeito principalmente: ao grau de segmentação interna do texto; à intensidade do caráter didático ou promocional; ao nível de edição e inserção de recursos visuais; ao

posicionamento do enunciador (autor da obra, professor resenhista ou produtor independente).

Já em relação às tensões, expressa-se, em primeiro lugar, a tensão entre crítica e promoção, em particular quando a avaliação positiva se aproxima de estratégias editoriais ou de autopromoção. Em segundo lugar, destaca-se a tensão entre autoria e mediação, uma vez que o produtor ora se posiciona como especialista, ora como intermediador entre obra e público. Soma-se a isso a tensão entre didatização e engajamento, visível na articulação entre exposição conceitual e chamadas à interação, bem como entre estabilidade e adaptação à plataforma, dado que o gênero preserva traços da resenha tradicional ao mesmo tempo em que incorpora convenções próprias do YouTube.

Em síntese, torna-se pertinente distinguir, no interior do gênero videorresenha, traços nucleares, variáveis e contingentes, a fim de evitar tanto a essencialização quanto a diluição excessiva de suas características. Como traços nucleares, ou seja, constitutivos e indispensáveis à sua identificação, salientam-se: (a) a apresentação explícita de uma obra previamente publicada; (b) a articulação entre descrição do conteúdo e apreciação avaliativa; (c) a orientação discursiva para um interlocutor projetado; e (d) a função mediadora entre texto-fonte e público, configurando-se como prática responsiva e avaliativa.

Já os traços variáveis referem-se a elementos que podem assumir diferentes configurações sem descaracterizar o gênero, como o grau de segmentação interna, o nível de didatização, a extensão da avaliação crítica, a formalidade do registro linguístico e a intensidade da interação projetada. Por sua vez, os traços contingentes dizem respeito às condições materiais e tecnológicas de circulação, especialmente no ambiente digital, tais como o uso de vinhetas, inserções gráficas, legendas corretivas, balões explicativos, convites à inscrição no canal e outros mecanismos próprios da plataforma de veiculação. Diante das análises realizadas, foi elaborado o Quadro 1 que sintetiza a análise realizada.

Quadro 1 – Características envolvidas na produção de videorresenhas no corpus analisado

VIDEORRESENHAS	
NÍVEL 1 — SITUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO (Dimensão sociointeracional)	
CATEGORIA	INDICADORES ANALÍTICOS
Denominação do gênero	Autodenominação explícita ou reconhecimento estrutural do gênero como videorresenha
Papel social do enunciador	Professor, autor da obra, produtor independente, influenciador
Construção do ethos	Autoridade acadêmica, proximidade, didatização, legitimação
Finalidade comunicativa	Avaliativa, didática, promocional ou híbrida
Configuração da interação	Assimetria enunciativa com interação projetada e diferida
Esfera de circulação	Acadêmica, editorial, cultural-digital
Inserção digital	Estratégias de engajamento (inscrição, curtidas, links), monetização

NÍVEL 2 — PLANIFICAÇÃO COMPOSICIONAL (Dimensão discursiva)	
CATEGORIA	INDICADORES ANALÍTICOS
Macroestrutura recorrente	Abertura performática, apresentação, desenvolvimento, avaliação e encerramento
Sequências discursivas predominantes	Descritiva, explicativa, argumentativa, recomendativa
Distribuição da avaliação	Concentrada ou distribuída ao longo do vídeo
Progressão temática	Linear, segmentada, estruturada por capítulos
Estratégias de legitimação	Leitura de trechos, exibição do livro, referência à autoridade do autor
NÍVEL 3 — MECANISMOS ENUNCIATIVOS E DISCURSIVOS (Dimensão linguístico-discursiva)	
CATEGORIA	INDICADORES ANALÍTICOS
Marcadores conversacionais	“né”, “então”, “assim”, pausas, reformulações
Modalização avaliativa	Expressões de opinião, intensificadores, atenuadores
Interpelação do interlocutor	Vocativos (“gente”, “vocês”), perguntas retóricas
Alternância de vozes	Discurso relatado, citação direta
Reformulações e paráfrases	Estratégias de explicação e didatização
Construção da proximidade	Linguagem coloquial controlada, simulação de diálogo
NÍVEL 4 — DIMENSÃO MULTISSEMIÓTICA (Dimensão performático-visual)	
CATEGORIA	INDICADORES ANALÍTICOS
Performance corporal	Gestualidade, postura, olhar direcionado
Modulação vocal	Entonação avaliativa, ritmo, pausas estratégicas
Organização espacial	Enquadramento, centralidade do corpo
Objeto focal	Exibição física da obra como recurso persuasivo
Elementos gráficos	Vinhetas, legendas, balões explicativos
Edição e ritmo	Cortes, inserções, dinamização visual

Fonte: autoria própria

À luz do referencial teórico mobilizado neste estudo, a análise dos exemplares permitiu observar que a videorresenha, enquanto gênero textual que circula em ambientes digitais, articula de modo sistemático elementos da resenha tradicional com recursos próprios da oralidade e da multissemiose. Os vídeos analisados atestam o uso recorrente de marcadores conversacionais, estratégias de avaliação da obra e mecanismos de interpelação do interlocutor, aspectos que corroboram a compreensão do gênero como prática social situada e orientada pela interação. Ademais, os recursos visuais, sonoros e corporais mobilizados pelos produtores reforçam o caráter multimodal do gênero.

Com base na análise do corpus e da voz de especialistas, foi possível construir um quadro comparativo entre a resenha e a videorresenha (Quadro 2).

Quadro 2 – Comparação teórico-discursiva entre resenha e videorresenha

DIMENSÃO ANALÍTICA	RESENHA	VIDEORRESENHA
Natureza semiótica	Multimodalidade com foco no verbal-escrito	Audiovisual multimodal (verbal oral + visual + gestual + edição)
Materialidade enunciativa	Texto fixo, estabilizado no suporte impresso ou digital	Enunciação performativa gravada, passível de edição
Condições de produção	Produção monológica, planejada e revisável	Produção planejada, performativa, com marcas de oralidade e edição
Regime de interação	Interação discursiva mediada por leitor implícito; ausência de copresença	Interação projetada e diferida; interpe- lação direta ao espectador e possibili- dade de resposta via plataforma
Ethos do enuncia- dor	Construído predominantemente por meio de marcas linguísticas e posicionamento crítico	Construído pela integração entre linguagem verbal, performance corporal, cenário e recursos visuais
Finalidade predominante	Síntese e avaliação crítica da obra	Síntese, avaliação e engajamento do público em ambiente digital
Distribuição da avaliação	Frequentemente concentrada em seção específica (conclusão)	Pode ser distribuída ao longo do vídeo, estruturando a progressão temática
Estrutura composicional	Introdução, contextualização, síntese, apreciação e conclusão	Abertura performativa, apresentação da obra, desenvolvimento, descritivo e avaliativo, encerramento com engajamento
Estratégias de coesão e progressão	Conectores lógico-discursivos, referência nominal	Marcadores conversacionais, reformulações, repetição estratégica, alternância de foco verbal/visual
Modalização	Predominância de modalização argumentativa formal	Modalização explícita (“eu acho”, “na minha opinião”) e entonação avaliativa
Relação com o suporte	Suporte escrito	Suporte digital condiciona duração, formato, ritmo e estratégias de engajamento
Dimensão mercadológica	Pode existir (resenhas jornalísticas/editoriais), mas não é constitutiva	Frequentemente integrada (monetização, parcerias, lógica algorítmica)
Estabilidade genérica	Mais institucionalizada e normatizada	Maior plasticidade estrutural e adaptabilidade às condições de circulação
Objeto resenhado	Principalmente, livros e filmes	Livros, filmes, jogos, produtos etc.

Fonte: autoria própria

Portanto, embora existam semelhanças entre a resenha e a videorresenha, este último gênero se distingue pela dinamicidade que a fala imprime à formulação das sequências linguísticas, pelo meio de circulação digital e pelas condições específicas de produção e recepção.

O percurso analítico desenvolvido evidencia que a videorresenha se constitui como gênero de estabilidade relativa, no qual se entrelaçam heranças da resenha escrita e reconfigurações próprias da cultura digital. As regularidades observadas, assim como as tensões identificadas, permitem avançar na compreensão de seu funcionamento discursivo e de seus condicionantes sociotécnicos. A partir disso, a seção final sistematiza as principais contribuições do estudo, explicita seus limites e aponta possíveis desdobramentos investigativos.

5. Considerações finais

A análise apresentada ao longo deste estudo evidencia a relevância da videorresenha como um gênero textual oral que reflete as práticas comunicativas atuais e se alinha à *Base Nacional Comum Curricular – BNCC* (Brasil, 2018). Sua natureza multimodal, com elementos da oralidade e recursos tecnológicos, torna-a uma ferramenta essencial para o ensino de língua portuguesa. A integração de recursos multissemióticos pode oferecer aos professores diversificação de práticas pedagógicas, promovendo um ensino da oralidade mais dinâmico e significativo.

O quadro analítico de gêneros orais, de Bueno et al. (2024), mostrou-se uma abordagem eficiente para sistematizar o ensino da videorresenha, permitindo que pesquisadores e professores descrevam gêneros textuais orais com base em critérios bem estabelecidos.

Ademais, após o estudo, foi possível constatar que, apesar de ter sido considerada, a princípio, como uma retextualização da resenha escrita, a videorresenha apresenta características novas, como o veículo de publicação, o papel do enunciadador, as finalidades, a maior força dos recursos não verbais. Também são particulares as especificidades da plataforma, como a solicitação por curtidas e a possibilidade de os interlocutores incluírem comentários.

Dessa forma, conclui-se que a videorresenha se insere no cenário atual de compartilhamento de informações e divulgação de obras, sendo um recurso relevante para a esfera acadêmica, publicitária e cotidiana. Assim, espera-se que este estudo inspire novas pesquisas voltadas à exploração de gêneros emergentes em contexto digital.

Referências bibliográficas

- Araújo, J., Andrade, F., & Lima, J. (2021). Videorresenhas do booktube: uma análise da organização sociorretórica desse gênero. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 60, 853-864.
- Bakhtin, M. (2019). *Os gêneros do discurso* (Org., trad., pósf. e notas de P. Bezerra; notas da ed. russa de S. Botcharov). Editora 34.

- Barros, E., & Gonçalves, A. (2023). Modelo teórico do gênero: etapa inicial da modelização didática. *Calidoscópio*, 21(1), 81-101. <https://doi.org/10.4013/cld.2023.211.05>
- Barros, E. & Nascimento, E. (2008). O ato de resenhar na e para a academia. *Revista Linguagem & Ensino*, 11(1), 33-57.
- Bortoni-Ricardo, S. (2008). *O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa*. Parábola.
- Bueno, L., Magalhães, T., Storto, L., & Costa-Maciel, D. (2024). Análises de gêneros orais: tecendo articulações a partir de Marcuschi, Dolz e Schneuwly. *Linguagem em (Dis)curso*, 24, 1-18. <https://doi.org/10.5007/1982-4017.2024.e4>
- Canal Literologia. (01 de fev. de 2023). *Lutar com Palavras: coesão e coerência textuais (de Irandé Antunes)*. [Arquivo de Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=b5sl2KJ1xNo>
- Canal Parábola Editorial. (13 de maio de 2020). *Roxane Rojo. Minicurso – hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos – aula 1*. [Arquivo de Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=gUYTG5FvJfY>
- Canal Teacher Chico. (07 de abr. de 2020). *Video-resenha do livro “Gramática contextualizada: limpando o ‘pó das ideias simples” (Irandé Antunes, 2014)*. [Arquivo de Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=2SrDoXkpiT4>
- Canal Professor Wesley Barbosa. (20 de mar. de 2022). *“Textualidade”, de Irandé Antunes | resenha e principais conceitos | professor Wesley Barbosa*. [Arquivo de Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=e8RTJemQdWk>
- Dolz, J., & Schneuwly, B. (2004). Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In *Gêneros orais e escritos na escola* (Vol. 2, pp. 41-73). Mercado de Letras.
- Duarte, T., Storto, L., & Durante, D. (2014). Características da língua falada e da língua escrita: análise de entrevistas com Vik Muniz. *Web Revista Discursividade*, 14, 23.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4.ª ed.). Atlas.
- Machado, A. R., Lousada, E., & Abreu-Tardelli, L. (2004). *Resenha*. Parábola.
- Magalhães, T. G., & Lacerda, A. P. (2019). Concepções e práticas de oralidade na escola básica na perspectiva dos docentes. *Horizontes*, 37. <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/664>
- Magalhães, T., Bueno, L., Storto, L., & Costa-Maciel, D. (2022). Um decálogo para a inserção da oralidade na formação docente. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, 26(1), 384-413.
- Marcuschi, L. A. (2010). *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização* (6.ª ed.). Cortez.
- Motta-Roth, D. (2001). A construção social do gênero resenha acadêmica. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 38, 29-45.
- Silva, A. (2019). *Video-resenha: uma proposta para o letramento digital nas aulas de língua portuguesa* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia]. Repositório UFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30730>
- Storto, L. (05 de ago. de 2021). *Características da Fala, Profa. Letícia J. Storto*. [Arquivo de Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=3uf_8veeUWI
- Travaglia, L., Bortolanza, M., Goulart, C., Dias, E., Ottoni, M., Fernandes, M., Silva, P., Cardoso, S., Félix, R., Andrade, V., & Silva, W. (2017). Gêneros orais – conceituação e caracterização. *Olhares & Trilhas*, 19(2), 12-24. <https://doi.org/10.14393/OT2017v19.n.2.12-24>
- Urbano, H. (1999). Marcadores conversacionais. In D. Preti (Org.), *Análise de textos orais* (4.ª ed., pp. 81-102). Humanistas Publicações / FFLCH/USP.

Documentos curriculares de referência

- Brasil. Ministério da Educação. (2018). *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. MEC/SEF. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>